

POR UM FIO DIALÓGICO ENTRE VYGOTSKY E BAKHTIN

Ludmila Mota de Figueiredo Porto *

Resumo

Este trabalho procura relacionar o pensamento de Vygotsky e Bakhtin, a partir da base dialética e da visão de ciência de ambos. Vygotsky se interessou pelo estudo da cognição humana e tentou explicitar as relações existentes entre o comportamento humano e a fala. Falar em cognição na obra de Bakhtin, contudo, poderia parecer um contrassenso, diante de sua busca pela compreensão da comunicação. Mas, Bakhtin se preocupou com a interiorização da linguagem, assim como Vygotsky defendeu o papel da linguagem para a organização do pensamento. Esta se apresenta, pois, como um importante ponto de encontro entre os dois pensadores, que não se conheceram, mas viveram o mesmo contexto histórico-ideológico, de forma que é possível travar um interessante diálogo entre os dois pensadores.

* Universidade Federal de Pernambuco

Palavras-chave: Vygotsky, Bakhtin, Diálogo.

Introdução

Sabe-se que Vygotsky se interessou pelo estudo da cognição humana, propondo uma teoria que viesse explicitar as relações entre o comportamento humano e o desenvolvimento da fala, responsável pela organização do pensamento da criança. Pode parecer estranho, inicialmente, falar-se em cognição na obra de Bakhtin, tendo em vista que é muito mais comum associar a esse filósofo russo a busca pela compreensão da comunicação humana, sempre social e construída na presença de outrem, do que propriamente daquilo que estaria relacionado aos aspectos cognitivos dessa comunicação.

Embora Vygotsky e Bakhtin tenham apresentado focos diferentes em seus estudos, propondo o nascimento de novas ciências - a Psicologia sócio-histórica e a Metalinguística, ou Translinguística, respectivamente - é possível encontrar

diversos pontos comuns nas obras dos dois autores, os quais tanto ressaltam a preocupação de Bakhtin com questões concernentes à interiorização da linguagem (a relação *exterior x interior*, questionamento filosófico que embasa os estudos cognitivos) quanto enfatizam o papel da linguagem para a organização do pensamento, defendido por Vygotsky. Em outras palavras, Bakhtin se voltou para o estudo da comunicação, entre outros tópicos, mas se preocupou com a relação *exterior x interior* e com a consciência; Vygotsky, por sua vez, preocupava-se com o desenvolvimento do intelecto humano e da psicologia de um indivíduo (também social), acompanhado necessariamente da linguagem. Assim, as teorias dos dois pensadores, em muitos momentos, caminham juntas, sendo a linguagem seu ponto maior de convergência e trazendo à tona os questionamentos primordiais para o desenvolvimento dos estudos cognitivos posteriores na Linguística.





Este ensaio pretende estabelecer um diálogo entre a obra de Vygotsky e de Bakhtin, partindo das duas questões cruciais apontadas em um artigo de Freitas¹ (2005): o método dialético e a visão da ciência, a fim de ampliar a relevante discussão empreendida pela autora no referido texto.

Contexto sócio-ideológico de Bakhtin e Vygotsky

O contexto sócio-ideológico em que viveram Bakhtin e Vygotsky foi extremamente importante para o desenvolvimento de suas ideias. Nascidos no final do século XIX, viveram a queda do czarismo, que deu lugar ao comunismo na União Soviética, após a Revolução de 1917. Embora influenciados pelo marxismo predominante na época, Bakhtin e Vygotsky não restringiram suas teorias à aplicação direta e mecanicista dos conceitos marxistas, como, por exemplo, Nikolai Marr, que chegou a desenvolver uma teoria marxista da linguagem, a qual predominou até a década de 1950. Ambos se posicionaram de maneira crítica com relação à forma mecânica de relacionar a infra-estrutura à superestrutura, fato que lhes resultou um olhar controlador das autoridades na época, preocupadas com a manutenção da ideologia oficial na produção científica (SIGARDO, 1990), obscurecendo a divulgação de seus textos por décadas (PONZIO, 2008). Ainda assim, é importante ressaltar que o pensamento de ambos é construído com base na dialética e que compartilham da visão do social como elemento constitutivo do individual. Para uma melhor compreensão dessa base marxista adotada pelos dois filósofos, detalharemos um pouco o pensamento de cada um a seguir.

A visão de ciência de Vygotsky e sua abordagem dialética

Vygotsky propôs uma abordagem nova à Psicologia do início do século XIX, ainda muito centrada no que ele chamou de “*estrutura estímulo-resposta*” (VYGOTSKY, 2008, p. 59), isto é, em métodos que induziam certos comportamentos a partir de determinados estímulos, a fim de se analisar esses comportamentos. De acordo com ele, tanto a corrente objetiva quanto a corrente introspectiva da Psicologia utilizavam essa metodologia artificial, diferenciando-se uma da outra apenas pela “*interpretação teórica* dada pelos psicólogos às consequências de várias situações estimuladoras” (VYGOTSKY, 2008, p. 60). Tratava-se, portanto, de uma metodologia limitada, afinal não seria possível analisar, através dessa estrutura estímulo-resposta, as funções psicológicas superiores do comportamento humano. Isso se devia ao fato de que a estrutura estímulo-resposta descartava “do campo da análise científica os fenômenos da consciência e os processos mentais, enquanto fenômenos subjetivos, mas também deixando de lado os processos neurofisiológicos” (SIRGADO, 1990, p. 62).

Vygotsky já havia concluído, a partir de sua pesquisa sobre o processo de aprendizagem infantil, em que a fala da criança tinha um papel crucial na organização de seu pensamento e de suas ações, que os fatores externos ao indivíduo não encontravam necessariamente uma correspondência exata com os fatores internos. Daí seu interesse em se dedicar ao estudo da relação externo x interno. Tendo em vista que os métodos da Psicologia da época não serviam para seu estudo, Vygotsky sentiu a necessidade de adotar um novo

1 Refiro-me ao artigo “Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um diálogo possível”, em que a autora inicia o contraponto entre os dois autores, privilegiando a relação entre linguagem e consciência, e convida seus leitores a contrapalavra, isto é, ao desenvolvimento da discussão sobre o tema, conforme objetiva este ensaio.



método, que abarcasse a complexidade dessa relação. Tomou por base, então, a abordagem materialista dialética da história do homem, pois o “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral”, e “a abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência” (ENGELS, 1876 *apud* VYGOTSKY, 2008, p. 62). Para a análise científica, Vygotsky defendeu a explicação dos fenômenos, no lugar da descrição; a análise de processos, e não de objetos (produtos); o estudo dos processos psicológicos automatizados, que se apresentam como os “remanescentes do desenvolvimento histórico do comportamento”. Dessa forma, a análise do processo (estrutura psicológica), somada à análise do desenvolvimento histórico de determinada estrutura (soma de processos) resultariam em uma Psicologia “qualitativamente nova, que aparece no processo de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2008, p. 68), uma Psicologia que representava a própria síntese dialética.

Vê-se, então, que Vygotsky buscava a terceira margem e, com isso, criticava a ciência positivista, muito voltada para a descrição e análise de um objeto, para falar da relação do homem com seu meio, mais especificamente, de um sujeito cujo interior seria formado a partir da interação com o exterior, pois a característica primeira do individual seria sua indissociação do social. As relações sociais entre os homens (o mundo exterior) seriam mediadas pela linguagem, responsável por organizar o pensamento humano. A linguagem é, para Vygotsky, a característica diferencial entre o ser humano e os chimpanzés, tendo em vista que ambos compartilham da fase inicial do desenvolvimento cognitivo - o raciocínio técnico – no entanto, apenas

as crianças realizam a fusão entre o raciocínio técnico e a fala:

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes do desenvolvimento, convergem (VYGOTSKY, 2008, p. 11-12).

A linguagem permite que a criança modifique suas ações, como também auxilia no desenvolvimento de seu intelecto, transformando qualitativamente as funções mentais elementares “em funções mentais superiores, pela utilização da linguagem adquirida no contato social” (FREITAS, 2005, p. 303).

Desta forma, é preciso situar a linguagem em dois planos distintos: o interpessoal e o intrapessoal. O plano interpessoal está ligado às relações sociais estabelecidas pelos homens desde a infância, é externo ao indivíduo, mas é o campo onde se realiza a interação verbal, sem a qual não existe o plano intrapessoal, o contato do indivíduo consigo mesmo. O processo de internalização, isto é, de passagem dos signos e símbolos presentes nas relações sociais do plano interpessoal para o plano intrapessoal só é possível através da linguagem, que tem o papel de reorganizar internamente a atividade externa:

A internalização implica uma reorganização das atividades psicológicas que só se torna viável porque emerge de um terreno social, de uma interação com os outros por meio da linguagem. Sem os outros, a conduta instrumental não chegaria a converter-se em mediação significativa, em signos, e sem estes não seria possível a internalização e a construção das funções superiores [...] A fala internaliza-se na criança pelo mesmo caminho do interpessoal para o intrapessoal, isto é, do social para o individual, ficando aí evidente a importância do outro (FREITAS, 2005, p. 306).





Enfim, é interessante observar que a visão de Vygotsky, tanto em relação à sua crítica à ciência positivista quanto no que diz respeito à importância que atribui ao social para a formação do individual, centra-se na *relação* entre, no mínimo, duas instâncias, em constante *diálogo*. É, pois, a partir da interação verbal, o motor das relações sociais, que os processos mentais vão se organizando e se aperfeiçoando no interior do indivíduo, para serem utilizados em novas interações e assim sucessivamente: “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir” (VYGOTSKY, 1991, p. 108), ou seja, a expressão de um pensamento, situado no plano intrapessoal, só é possível por que a linguagem o organiza no momento em que se pretende comunicar algo a alguém.

A visão de ciência em Bakhtin: crítica ao materialismo histórico monológico

Bakhtin/Volochinov (1997, p. 31) argumenta que o método marxista precisa se deparar com os problemas da filosofia da linguagem para avançar de forma eficaz. Não se trata, apenas, de uma aplicação do método marxista à filosofia da linguagem, mas de uma profunda discussão acerca do método e de conceitos da filosofia da linguagem, a saber: o signo, a palavra, o significado, a ideologia etc.

Defendendo uma realidade necessariamente semiotizada, Bakhtin acusa a Psicologia idealista de colocar a ideologia como parte integrante da consciência, ou seja, como “um fato de consciência e o aspecto interior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 33). Por outro lado, critica o extremo oposto: a Psicologia positivista, que enxerga a

consciência como “simples conglomerado de reações psicofisiológicas fortuitas que, por milagre, resulta numa criação ideológica significativa e unificada” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 34). Assim, Bakhtin defende que a consciência é também semiotizada, isto é, assim como o pensamento, para Vygotsky, a consciência só existe e se afirma como realidade através dos signos. Se os signos são ideológicos, pois refletem e refratam a realidade, e a consciência só se dá através desses signos, então os signos ideológicos se constituem como pontes de ligação entre as consciências individuais, no processo de interação verbal:

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem no processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna do conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 34).

A consciência individual, então, é um fato sócio-ideológico que ganha forma através dos signos estabelecidos por determinado grupo social em interação, no curso de suas relações sociais (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 35). O espaço para a sociologização de todas as manifestações e reações orgânicas, onde o organismo passa do que é físico para o que é social, é o que Volochinov, integrante do Círculo de Bakhtin², denomina de linguagem interior, este fluxo de palavras que existe dentro de cada indivíduo, esta “confusión de las palabras y las imágenes com las que toman cuerpo

2 O Círculo de Bakhtin é a expressão utilizada para designar o grupo de intelectuais russos de diversas formações (da Literatura, do Jornalismo, da Música etc.) que se reuniu entre 1919 e 1929, nas cidades de Nevel, Vibesck e São Petersburgo (rebatizada de Leningrado), para debater questões filosóficas, entre elas, a linguagem. Para maiores detalhes, consultar Clark & Holquist (1998) e Faraco (2010).



nuestros pensamientos, deseos y sentimientos [...]” (VOLOCHINOV, 1929, p. 233). A tomada de consciência de um indivíduo é atingida através desta relação entre a linguagem exterior e a linguagem interior, afinal somente assim é possível compreender o signo e responder a ele. Há, portanto, um diálogo entre o pensamento de Vygotsky e o de Bakhtin, no que diz respeito à relação entre o mundo exterior e o interior, através da linguagem, na formação do pensamento ou da consciência.

Enquanto Vygotsky se refere a dois planos de realização da linguagem – o interpessoal e o intrapessoal – Bakhtin também defende que a comunicação se dá sempre na interação verbal, ou seja, com o outro. Esse outro tanto pode ser o outro imediato, isto é, o interlocutor, que estaria no que Vygotsky denomina de plano interpessoal, quanto os outros interlocutores potenciais, representantes de diferentes ideologias e portadores de diferentes discursos. De acordo com Bakhtin (1997; 2003), a relação do homem com os outros homens e com o mundo, através da linguagem, é constituída pelo princípio dialógico, o verdadeiro modo de funcionamento da linguagem, com a necessária presença de um *eu* e um *tu*. Ou seja, só há sentido em se falar em relações dialógicas da linguagem por que se considera essa linguagem como viva, sendo utilizada por sujeitos sociais que se comunicam, em situações concretas.

O dialogismo existe entre os enunciados como relações de sentido que são construídas em constante tensão de pontos de vista diversos. A dialogicidade interna de um enunciado é constitutiva dele, na medida em que todo enunciado responde a outros enunciados da cadeia discursiva; uma palavra sempre se orienta para outra palavra e dialoga com ela. O princípio e o fim de cada enunciado, na interação verbal, são delimitados pela alternância de sujeitos, ainda que um

deles não esteja presente na interação. Volochinov (2007) consagra a boa parte de “Estrutura do Enunciado” à defesa da ideia de que a ausência do interlocutor não anula o caráter essencialmente dialógico de qualquer enunciado, mesmo aquele formulado no discurso interior, uma vez que este é sempre voltado para um ouvinte virtual. O mesmo se dá com o discurso escrito (literário, científico...), sempre voltado para um auditório potencial, um determinado grupo social a que o discurso do locutor se dirige e de cujos participantes espera uma resposta, uma compreensão ativa.

Assim, o dialogismo bakhtiniano não se limita à dialogicidade interna do enunciado, eis que também perpassa os sujeitos. Para Dahlet (1997, p. 72 *apud* TEIXEIRA, 2006, p. 229): “o dialogismo bakhtiniano se fundamenta na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz”, porque esse sujeito é histórico e socialmente situado e se constitui ideologicamente através do discurso, a partir do intermitente diálogo com as diferentes vozes sociais de outros sujeitos que compartilham da mesma realidade. Para Bakhtin (1993), esse processo de escolha e assimilação das palavras alheias faz parte da própria evolução ideológica do homem, pois vai determinar as bases da atitude ideológica daquele homem em relação ao mundo. O dialogismo, portanto, pode ser considerado a base da Teoria da Linguagem de Bakhtin, aglutinando em seu cerne a relação entre os homens, necessária para a construção da consciência individual de cada um.

Avançando na discussão sobre como os problemas da filosofia da linguagem podem ajudar a melhorar o método marxista, Bakhtin faz uma crítica pontual ao materialismo histórico dialético proposto por Marx, à sua forma mecanicista de pensar a relação entre a infra-estrutura e as superestruturas:





O problema da *relação recíproca* entre a infra-estrutura e as superestruturas, problema dos mais complexos e que exige, para sua resolução fecunda, um volume enorme de materiais preliminares, pode justamente ser esclarecido, em larga escala, pelo estudo do material verbal. De fato a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber *como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 41).

Bakhtin explica que a ideologia não pode simplesmente refletir os modos de produção e ajudar a sustentá-los, como na dialética mecanicista. Ora, se o material verbal constitui a essência para o estudo da ideologia, Bakhtin chama a atenção para o aparecimento da linguagem em duas instâncias distintas - os sistemas ideológicos constituídos e a ideologia do cotidiano, conforme esclarece:

A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. Considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, podemos dizer que a ideologia do cotidiano corresponde, no essencial, àquilo que se designa, na literatura marxista, sob o nome de 'psicologia social' (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 118-119).

Portanto, o fato de a ideologia simplesmente se concentrar nas superestruturas não abarca a complexidade do signo ideológico, que tanto opera no nível dos sistemas ideológicos estabelecidos quanto na ideologia do cotidiano. Os sistemas ideológicos e a ideologia do cotidiano estabelecem entre si uma relação dialética e dialógica. Os sistemas ideológicos, por si só, são pura abstração, pois é a linguagem do

cotidiano que permite que a ideologia seja mantida e repassada através da interação verbal, e cabe à ideologia do cotidiano refletir mais rapidamente as mudanças na infra-estrutura (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997).

O conceito de ideologia do cotidiano de Bakhtin representa, então, uma nova esfera portadora do signo ideológico, uma esfera intermediária de comunicação entre a infra-estrutura e as superestruturas, uma crítica à dialética mecanicista. Sem considerar essa nova esfera, defende Bakhtin/Volochinov (1997), não é possível ultrapassar a forma mecanicista de aplicação do método dialético, visto que cabe à linguagem o poder de ligação entre os diversos níveis das superestruturas com a infra-estrutura. Em outras palavras, cabe ao signo o papel de dialogicizar a relação entre as superestruturas e a infra-estrutura.

Considerações finais

Este ensaio teve o propósito de estabelecer uma relação entre algumas questões coincidentes nas obras de Vygotsky e de Bakhtin, pontos de diálogo entre os dois filósofos. Embora tenham sido abordadas questões diversas, consideradas cruciais no pensamento de ambos, os pontos centrais dessa discussão, sugeridos por Freitas (2005), foram a visão de ciência e o método dialético na obra dos dois autores. Vygotsky procurou utilizar o método dialético em sua Psicologia, que não pode ser considerada marxista, por não querer explicar todos os fenômenos através das categorias do marxismo. Bakhtin, por sua vez, desenvolveu todo o seu pensamento a partir de uma crítica à dialética mecanicista (monológica). Tanto Vygotsky quanto Bakhtin se mostraram defensores de um modo de fazer ciência diferente do positivista, muito preocupado com a análise fria do objeto, assim como do subjetivista, que tentava explicar os fenômenos tomando por base psiquismo do homem.



Para uma reflexão final, é importante chamar a atenção para a influência do pensamento de Martin Buber nas ideias de Vygotsky e Bakhtin. Buber, no século XIX, já defendia, através da Antropologia Filosófica, o resgate à humanidade do ser humano, sugerindo que essa humanidade deveria ser analisada a partir da relação entre o conhecimento científico (*logos*) e a prática (*praxis*). Essa “nostalgia que envolve uma conversão propõe um projeto de existência a ser realizado e não uma simples volta a um passado distante numa postura de mero saudosismo romântico”, explica Newton Aquiles Von Zuben (BUBER, 1979, p. XLI). Dessa forma, Buber, o filósofo das relações, já chamava a atenção para a necessidade de que a retomada da humanidade, a lembrança do homem em um tempo passado, fosse ativa, ou seja, que ela impulsionasse uma reação por

parte do sujeito, no presente, um sujeito com postura ativa diante do fenômeno analisado.

Buber acreditava que o homem era a própria relação entre o *eu* e o *tu*, constituído pela palavra proferida, “uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros”. Bakhtin e Vygotsky parecem seguir por caminhos semelhantes, e a herança deixada pelos dois filósofos em muito contribui para uma reflexão sobre o cognitivismo na Linguística, uma vez que estes partem de questões comuns, como plano exterior e plano interior, linguagem exterior e linguagem interior, apoiados no método dialético (e dialógico) e na crítica ao positivismo nas ciências humanas, a fim de buscar respostas para a relação entre pensamento, consciência e linguagem.

FOR A DIALOGUE BETWEEN VYGOTSKY AND BAKHTIN

ABSTRACT

This paper aims to establish relations between Vygotsky's and Bakhtin's thoughts based on dialectics and their ideas about how to make science. Vygotsky focused his studies on human cognition and tried to make it explicit the connection between human behavior and speech. To attribute Bakhtin some interest in human cognition, however, could seem nonsensical, as he seeks to understand human communication. But Bakhtin speaks of the internalization of language, as well as Vygotsky defends the role of language in ordering thought. Then language seems to be an important meeting point between those authors, who didn't meet each other but lived in the same historical and ideological context, and thus it's possible to establish an interesting dialogue between them.

Keywords: Vygotsky; Bakhtin; Dialogue.

Artigo submetido para publicação em: 09/04/2011

Aceito em: 22/06/2011

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M (1993). O discurso no romance. In: **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP.

_____. (2003). **Estética da Criação Verbal**. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.





- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. (1997); **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec.
- BUBER, Martin (1979). **Eu e Tu**. 2ª ed. Revista; trad. e introd. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Moraes.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. (1998) **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva.
- FARACO, C. A. (2010). **Linguagem & Diálogo: as ideias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. 1ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial.
- FREITAS, M. T. A (2005). Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. rev. Campinas: UNICAMP.
- PONZIO, A (2008). **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto.
- SIRGADO, A. P. (1990). A corrente sócio-histórica de Psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 48, out./dez., 1990.
- TEIXEIRA, Marlene (2006). O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes.
- VOLOCHINOV, V. N. (2007) Estrutura do Enunciado. **Revista Literatunja Ucëba**. vol. 3, pp. 65-87, 1930. Trad. Ana Vaz, para fins didáticos.
- _____ (1993). Que és el lenguaje? In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtín y Vygotsky: la organización semiótica de la consciencia**. Barcelona: Anthropos.
- VYGOTSKY, L. S. (1991) **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2007). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.